

Literatura nas Escolas: A metodologia de ensino como estímulo na formação de leitores¹

Bárbara MULLER²

Matheus ORDAKOWSKI³

Bendito Diélcio MOREIRA⁴

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

Este artigo discute o ensino de Literatura nas escolas e sua relação com o incentivo à leitura. Para isso, foram feitas entrevistas com professores do Ensino Médio de escolas estaduais na cidade de Cuiabá/MT, nas quais foram abordados temas como didática utilizada em sala de aula, autores e obras lidos pelos alunos e conhecimento das obras contemporâneas por parte de alunos e professores. A partir disso, abrimos uma discussão sobre a relação das metodologias de ensino na construção do indivíduo leitor.

Palavras-chave: ensino; literatura; escolas; professores; didática

Introdução

A escola representa uma ferramenta multifuncional e complexa no que diz respeito à iniciação do desenvolvimento neurológico e social de crianças e jovens. Embora a maior parte das instituições de ensino de hoje ainda seja igual à dos nossos pais é avós, os alunos já são muito diferentes. Mesmo com as mudanças sociais constantes, a didática das escolas permanece a mesma: professores elaboram aulas com base em livros didáticos recebidos de fontes externas à escola, realizam aulas expondo o conteúdo que julgam importante e os alunos, quando interessados, assistem como observadores a uma aula expositiva. A escola tradicional se baseia na ideia de que o aprendizado segue um caminho mais ou menos igual para todos. Por isso, temos a divisão em turmas por idade, currículos padronizados e as mesmas provas para todos os alunos. Esse modelo, na maioria das vezes, não considera cada aluno como único, capaz de ter autonomia para aprender, o que resulta em um sistema de ensino deficiente.

Essas falhas ao longo do modelo educacional se refletem em vários aspectos da vida do aluno e do professor. A leitura, aspecto provavelmente mais importante de qualquer fase

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 5º semestre de graduação em Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo da UFMT, email: barbaramuller663@gmail.com.

³ Estudante do 7º semestre de graduação em Comunicação Social- Habilitação em Publicidade e Propaganda da UFMT, email: matheusordakowski@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social da UFMT, email: dielcio@hotmail.com

da vida escolar, é uma das habilidades mais prejudicadas. Incentivar o aluno a ler não é tarefa fácil, e mesmo que esta responsabilidade não caiba somente à escola, ela tem o seu papel fundamental e intransferível na construção de leitores. Tendo em vista que o gosto pela leitura é construído gradualmente ao longo da vida, com influências que dizem respeito desde os hábitos familiares até os meios social e econômico em que o indivíduo está inserido, é na escola que este processo é solidificado.

Este artigo busca resgatar alguns pontos da história da literatura juvenil brasileira, bem como observar como a leitura e a Literatura, seja ela clássica ou contemporânea, são estudadas em sala de aula. Com base nesse aspecto, procuramos analisar a metodologia utilizada por professores para trabalhar a leitura nas aulas de Literatura, bem como averiguar como e quais os autores contemporâneos são trabalhados⁵. Dessa forma, buscamos entender como e por que determinadas obras são escolhidas, se estas correspondem à realidade dos alunos e se eles cultivam o interesse pela literatura estudada. Também discutimos questões que envolvem o uso do cinema e da linguagem audiovisual durante as aulas, e como essa metodologia pode interferir, positiva ou negativamente, no ensino da Literatura e no incentivo a leitura.

História da literatura juvenil no Brasil

Durante muito tempo não se distinguia a literatura voltada para crianças daquela voltada para adolescentes ou adultos. Mesmo hoje, quando o mercado editorial classifica as obras juvenis em várias subdivisões, indo desde o “infantil” e “infantojuvenil”, passando por *young adult* e *new adult*, até *crossover*, o próprio estudo destas literaturas como objetos distintos ainda é muito recente. Devido a este processo transitório, é necessário fazermos uma breve revisão histórica de seus aspectos.

Na obra de Marisa Lajolo e Regina Zilberman, “Literatura infantil brasileira: história e histórias” (1984), as autoras realizam um levantamento da história da literatura infantil no Brasil entre os anos de 1890 e 1980. Para melhor entender a evolução desse tipo de literatura, elas separam o processo histórico em dois períodos. O primeiro período, que vai de 1890 a 1920, é marcado pela presença de narrativas com um propósito pedagógico, cujos enredos davam exemplos de disciplina e valores predominantes na época. Nessa fase,

⁵ Para fins desta pesquisa, consideramos contemporâneos os autores que publicaram obras nos últimos cinquenta anos, ou cujas obras ganharam notoriedade junto ao público jovem nesse período.

vemos obras que precisavam também agradar aos adultos, transmitindo valores como disciplina e obediência para as crianças.

Com a intenção de apresentar no texto situações exemplares de aprendizagem, o conteúdo dessa literatura é ditado pelo modelo europeu, patriótico, ufanista e de exaltação da natureza, e a forma preocupada com a limpidez e a correção da linguagem. (LUFT, 2010. p.111).

O segundo período, que corresponde aos anos de 1921 a 1944, tem como seu principal representante Monteiro Lobato, um dos primeiros escritores a criar obras que iam além da necessidade exclusiva de transmitir conhecimentos e valores, ao se preocupar em escrever histórias que fossem, acima de tudo, interessantes para as crianças, Segundo Lajolo e Zilberman (1985), a principal inovação foi o uso de uma linguagem marcada pela oralidade, sem que houvesse preocupação com o uso da norma culta. As temáticas envolviam personagens e cenários característicos do Brasil, resgatando a cultura popular. Destinada às crianças, as obras do período ainda tinham um caráter educativo, porém ele não era o tema central da história.

A partir da década de 60, a expansão da indústria cultural começa a provocar renovações literárias. Já na década de 80 as publicações voltadas para o público adolescente (maiores de 10 anos) começam a ganhar destaque. Considerando um novo público, com acesso cada vez maior a produções audiovisuais as temáticas abordadas nos livros também mudaram:

A imagem exemplar da criança obediente e passiva é suplantada pela criança capaz de rebeldia e de ruptura com a normatização do mundo dos adultos. Enfraquece, assim, a velha prática de representar nos livros infantojuvenis apenas situações não problemáticas (LUFT, 2010. p. 113).

O mercado jovem se mostra promissor e há uma expansão dos gêneros como ficção científica e fantasia, de forma que, mesmo tratando de uma realidade mais próxima ao cotidiano do leitor, as histórias ainda trazem elementos do fantástico, que fazem parte do seu imaginário (LUFT, 2010).

As temáticas abordadas pelos escritores continuaram mudando nas décadas seguintes. Destinados aos adolescentes, os livros passam a tratar de assuntos característicos dessa fase da vida, podendo ser mais ou menos delicados, assim como os leitores que estão em transição da infância para a idade adulta.

Gabriela Luft, em seu artigo “A literatura juvenil brasileira no início do século XXI”, analisa as temáticas das obras vencedoras dos prêmios Jabuti e da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) entre os anos 2001 e 2009. Nesse trabalho, foi

constatado que a maior parte das obras premiadas trata de mais de uma temática. A introspecção psicológica dos personagens também é muito presente, dando ao leitor uma visão diferente dos momentos enfrentados por esses personagens durante o curso da história. Se antes a Literatura infantil acobertava a realidade como forma de proteção ou mesmo censura, agora ela se apresenta ao leitor, seja por romances históricos ou pela denúncia social. Dessa forma, foi possível que a criança e o jovem conhecessem mais sobre realidades que não compreendiam completamente.

A literatura brasileira juvenil se modificou para acompanhar as mudanças que a evolução de seus leitores exigia, e a manutenção do antigo modelo didático das escolas mostra que a maioria das instituições de ensino não acompanhou este processo. Além de formar leitores, a escola também tem a missão de transmitir conteúdo sobre a Literatura que, na maior parte das vezes, se refere à História e estética literária. Combinando fatores externos ao ambiente escolar, o distanciamento dos estudantes do hábito de ler e interpretar textos prejudicou o aprendizado desses conteúdos específicos, exigindo que os professores que identificaram o problema de “falta de leitura” buscassem soluções para além daquelas propostas pelos livros didáticos.

Metodologia

Por meio de entrevistas realizadas com professores de Ensino Médio, buscamos discutir quais são os principais problemas verificados no sistema de ensino, em especial de literatura, e as consequências dessas dificuldades no processo de incentivo à leitura. Para a coleta dos dados presentes neste artigo, realizamos entrevistas com sete professores de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Médio de três escolas estaduais, localizadas em regiões centrais da cidade de Cuiabá⁶.

A pesquisa qualitativa tenta compreender a totalidade do fenômeno. Mais do que focalizar conceitos específicos, discute-se a importância das interpretações, enfatiza o subjetivo como meio de compreender e interpretar as experiências e analisa as informações narradas de uma forma organizada (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

⁶ Esta discussão é parte de uma pesquisa mais ampla sobre educomunicação, juventudes e ciência, conduzida pelo “Núcleo de Estudos da Comunicação, Infância e Juventude”, da Universidade Federal de Mato Grosso. Outras discussões sobre os jovens, literatura e mídias já foram realizadas em diferentes eventos da Intercom. Os textos estão disponíveis nos anais dos congressos regionais de Brasília, em 2014, e de Campo Grande, em 2015. E também no congresso nacional realizado em Foz do Iguaçu, em 2014. Disponível em: http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1081&Itemid=134

Ao optarmos pela realização da pesquisa qualitativa, elaboramos um roteiro abrangendo questões referentes à didática do professor, à forma como a Literatura é trabalhada em sala de aula, quais obras são estudadas, o porquê, e se os alunos têm alguma influência na escolha sobre os livros que serão utilizados como método avaliativo. Além disso, questionamos as opiniões dos professores sobre o hábito de leitura dos alunos, se estes costumam ler os livros trabalhados em sala e se tais livros correspondem à realidade dos alunos, ou mesmo se são parecidos com aqueles comprados e lidos sem a influência da escola. Também discutimos se os professores já utilizaram livros contemporâneos em sala de aula como forma de avaliação ou de incentivo à leitura, a opinião sobre a qualidade da literatura atual para jovens e se eles conhecem os autores que hoje escrevem para este público.

A utilização de outras formas de ensino da literatura em sala de aula, além da leitura tradicional, como o uso de filmes, novelas e peças de teatro, baseados em obras literárias, e se este método se mostra como uma alternativa viável, e o que os professores pensam de adaptações cinematográficas baseadas em livros, enquanto motivadores ou desmotivadores para a leitura também foram temas tratados nas entrevistas. Além disso, buscamos saber se os professores conheciam os autores contemporâneos que escrevem obras voltadas para o público jovem. Os professores receberam uma tabela com nomes de quinze autores brasileiros e outra com nomes de dezesseis autores estrangeiros, todos com obras de visibilidade, e apontaram quais destes nomes foram ou são usados em sala de aula e como foram trabalhados.

Os nomes dos autores listados nas tabelas foram escolhidos por meio de dois critérios: 1. Pesquisa realizada em redes sociais e sites que trabalham com venda de livros indicou quais seriam os autores mais populares. Consideramos os autores em evidência, ou seja, aqueles que apareciam com maior frequência e ou com número maior de vendas; 2. O outro critério foi elencar quais são os autores contemporâneos mais premiados, pois este reconhecimento corresponderia a uma maior visibilidade, já que os professores não são o público-alvo deste tipo de literatura e poderiam não ter conhecimento das obras mais vendidas atualmente.

As entrevistas

As entrevistas abordam a metodologia didática utilizada no ensino da Literatura, além da opinião dos professores a respeito das atividades literárias de seus alunos: hábitos de leitura, livros que eles leem, qualidade e valor das obras. Quanto ao ensino de Literatura, segundo os professores estes conteúdos são ensinados na disciplina de Língua Portuguesa, juntamente com gramática e redação, cabendo ao professor escolher a forma mais adequada para a divisão do tempo de ensino.

Cada professor tem liberdade para trabalhar a Literatura em sala de aula como preferir, porém o conteúdo dado deve seguir o proposto pelo livro didático que é oferecido pelo governo, comum à todas as escolas da rede estadual de ensino. Sendo assim, os professores precisam trabalhar temas como a história e contexto da Literatura, as escolas e períodos literários, além das obras clássicas de autores considerados importantes dentro de cada movimento. Porém, segundo os próprios professores, nenhuma diretriz os obriga a trabalhar a obra completa em sala de aula. Como diz um deles: “Eu tento fazer pesquisa, falo o máximo dos autores, tento fazer um resumo, às vezes conto uma história e vejo o que eles pensam, e tem alguns alunos que se interessam e vão buscar”. Outro ainda diz: “Trabalho o autor, comento a época, a escola e o contexto em que aquela obra foi publicada. Porque na verdade não se trabalha mais assim (com a obra completa). Hoje em dia a gente comenta com o aluno, indica a leitura e se trabalha os fragmentos”. E também um terceiro: “Eu normalmente trago fragmentos demonstrando as características que vemos nos conceitos básicos, mas pedir para eles lerem uma obra e fazer a análise dela, não”.

Os sete profissionais entrevistados admitiram que os alunos, quando apresentam interesse pela leitura, preferem livros mais contemporâneos. Porém, mesmo tendo esse conhecimento, nem sempre eles o utilizam como uma ferramenta para trabalhar a leitura:

Os livros contemporâneos não são trabalhados em sala de aula. No segundo ano, o meu caso, começa o Romantismo, depois o Realismo. O conteúdo é definido. Nós trabalhamos com o livro didático, então você tem que seguir o livro, porque é o livro que todos têm. Então, o trabalho do professor de escola pública fica meio limitado, porque ele tem o livro didático como carro chefe, entendeu? Aí você trabalha o que o livro propõe. (...) O aluno da escola pública não tem o hábito de ler. E quando eu te disse que são poucos os que leem, eu nunca tive a oportunidade de observar e nunca tive o interesse em observar o que estavam lendo. Tem alunos que leem na sala de aula, mas eu não saberia responder a preferência (de livros) deles”.

Em contrapartida, alguns educadores se mostraram interessados nas temáticas e títulos preferidos dos alunos, procurando usá-los como ferramenta de estudo e incentivo à

leitura: “Podemos trabalhar só clássicos do livro didático, assim como podemos também oferecer alguma coisa mais da atualidade”, diz um deles, que já trabalhou em sala livros como a Saga Percy Jackson e Cinquenta Tons de Cinza, tentando discutir os temas atuais por meio desta literatura, e continua: “A gente trabalha uma visão bem crítica do livro, o que ele vai discutir. Claro, o que chama atenção maior deles são as cenas mais picantes do livro (se referindo ao livro ‘Cinquenta Tons de Cinza’), mas, assim, eles leem”. Outro professor, por sua vez, explica porque já usou livros contemporâneos de forma avaliativa em sala: “(...) porque é um livro que chama a atenção deles e nós somos obrigados (...). Então acabamos lendo esses livros e eu acho muito bom eles serem avaliados dentro de sala de aula, porque o que chama atenção é isso que eles querem, é inovar...”.

Tentando conciliar o ensino da Literatura com as propostas dos livros didáticos, e ao mesmo tempo manter o interesse dos alunos, um dos professores disse ter desenvolvido uma metodologia na qual trabalha um livro por bimestre, realizando a escolha dos livros de forma intercalada pelo professor e pelos alunos. O professor dá preferência a obras da literatura brasileira, estas podendo ser clássicas ou contemporâneas, dependendo da turma. Já os alunos tendem a escolher títulos recentes: “Geralmente é literatura inglesa (a escolhida para ser trabalhada), que eles gostam muito. Literatura estrangeira, eles gostam mais.” Quando questionado sobre os motivos dos alunos preferirem livros contemporâneos e estrangeiros, o professor apontou a linguagem: “Os livros atuais apresentam um vocabulário mais próximo da realidade dos alunos (...)”. Sobre a transposição da história do livro para o cinema, ele disse: “Eles gostam de ler o livro e ir assistir o filme”. Outros professores também demonstram interesse nesse tipo de metodologia: “Você indica as leituras: ‘olha, vocês podem ler tais livros, o importante é que vocês leiam’. Aí eles vão escolher esses livros mais modernos”; “Os jovens de hoje em dia não querem livros do passado, eles querem livros modernos. Então se nós dermos para eles a opção de escolha, eles não vão querer ler literatura (clássica)”.

Os professores que querem trabalhar as obras clássicas completas sentem dificuldade de fazê-lo em sala de aula, seja pela baixa carga horária da matéria ou mesmo pela falta de interesse dos alunos. Dois dos professores entrevistados afirmaram que organizam ou já organizaram projetos extracurriculares a fim de incentivar a leitura das obras clássicas completas: “Ano retrasado nós tivemos um projeto preparatório do ENEM, nós passamos A Moreninha e justo nesse ano houve várias perguntas sobre o livro, então por isso eles vieram (participar). Esse ano também iremos fazer o cursinho preparatório”.

Diz o segundo professor: “Eu fiz um projeto trabalhando os clássicos da literatura, focando o que cai no ENEM. Eu pego o que é estudado nesse período da literatura, a escola literária, formo grupos, aí eles pesquisam a biografia do autor e fazem a leitura do livro”. Sendo assim, observamos que os professores precisam buscar alternativas para o ensino da Literatura, já que não são suficientemente amparados pelo sistema de ensino em sua didática.

Os professores reconhecem que as obras da Literatura Clássica estão distantes da realidade histórica e social dos alunos, exigindo que se faça uma contextualização da obra para despertar o interesse dos estudantes antes que se comece de fato a leitura e avaliação sobre ela. Um deles aponta que essa contextualização é importante para esclarecer o vocabulário “(...) o professor já entra falando da obra, contextualizando a obra naquele período histórico, dando um pouco de subsídios para que eles façam a leitura e não falem ‘ah, essa obra é muito difícil’, porque o vocabulário não é o mesmo”. Já outro professor explica que, caso os alunos não compreendam o contexto no qual o livro foi publicado, ele dificilmente irá entendê-lo: “Então eu trabalho o contexto, dentro daquela época, falo o que estava acontecendo na época para ele conseguir entender o que vai ler”.

As dificuldades que dizem respeito ao trabalho de conteúdos da Literatura nas escolas estaduais de Mato Grosso não se resumem a Literatura. Segundo os professores, a maioria dos alunos não tem o hábito de ler, principal motivo para alguns professores procurarem estudar os interesses literários dos jovens antes de escolher os livros a serem trabalhados. Mesmo que o educador se disponha a pesquisar sobre as publicações atuais voltadas para seus estudantes, eles admitem que nem sempre isso é possível: “Porque quando o professor está em sala de aula, nós, professores, temos outros tipos de leitura. São leituras acadêmicas, de artigos, de trabalhos científicos, de monografias. Então a gente não tem muito tempo para ficar nesses livros de modinha”. Outro educador também destacou esse ponto: “Pra falar a verdade, professor não tem tempo pra ler. Vida de professor é muito corrida”. Esse distanciamento dos livros lidos pelos alunos e dos livros que chegam ao conhecimento dos professores pode configurar uma grande dificuldade no processo de fomento à leitura.

Sobre a falta de tempo para se trabalhar o conteúdo de forma aprofundada, dizem dois professores: “É pouco tempo pra gente trabalhar”; “Então, por serem apenas três aulas (por semana) acaba que fica comprometido o trabalho de Literatura, e ele se limita aos conceitos básicos que os livros (didáticos) trazem”.

A falta de livros disponíveis nas bibliotecas das escolas configura outra dificuldade nas atividades que envolvem leitura. “A escola tem biblioteca, mas são poucos livros para muitos alunos. Como fazer um trabalho do mesmo livro com 140, 150 alunos? É impossível, é inviável”, disse um dos professores. Outros professores também afirmaram encontrar dificuldade entre a demanda de livros pelos alunos e a quantidade de livros disponível na escola. O preço dos livros também foi apontado por três educadores como empecilho, já que os alunos de escola pública, em sua maior parte integrantes de famílias com baixa renda, não podem pagar pelas obras, ou mesmo não tem o hábito de investir em livros.

Quanto ao uso de filmes nas aulas, constatou-se que os professores os usam de forma complementar ao conteúdo. Mais uma vez, vemos que conforme a autonomia que eles possuem dentro da instituição, usam as ferramentas ao seu dispor de várias formas. Um professor entrevistado dá dois exemplos de como utiliza a linguagem cinematográfica:

“(…) vou deixar atividades para eles fazerem sobre os filmes. Claro que nessa sequência didática que eu botei pra eles, eu quero que eles também busquem informações nos livros. Porque, para que eles respondam sobre determinado assunto, eles terão que ir no livro e ler (...) Aí, no primeiro ano, eu vou passar o filme O Nome da Rosa, claro que eles não vão ler o livro e vou trabalhar só a linguagem cinematográfica, porque no filme eles já vão visualizar o que viram na teoria com o professor anterior”.

Substituir a leitura do livro pela exibição de um filme também é uma das práticas utilizadas pelos profissionais: “Às vezes, eu comento o livro, aí em cima do livro vamos assistir ao filme, aí você comenta a obra”. Dessa forma, o estudante conhece, mesmo que superficialmente, a história da obra clássica. Um segundo profissional também utiliza uma metodologia semelhante, mas escolhe filmes que, segundo suas próprias pesquisas, são baseados em obras constantemente cobradas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Porém, ele diz que seus alunos não demonstram maior interesse por se tratar de filmes desatualizados, com produções que deixam a desejar no aspecto de entretenimento: “Eles não gostam muito e é difícil também a gente achar alguma coisa com uma produção um pouquinho melhor (...) os filmes são muito antigos”. Levando em conta que tanto as produções cinematográficas quanto os livros são antigos, este professor destaca que se fossem feitos novos filmes, seria preciso repensar o contexto da obra, tornando-a mais atual: “A gente teria que estar buscando uma forma de contextualizar, porque seria assim mais atual”.

É comum a todos os professores a ideia de que os filmes são uma ferramenta que ajuda a transmitir o conteúdo. Também apontaram que os filmes baseados em livros, quando bem produzidos, chamam a atenção dos alunos para esses livros, como exemplificam vários deles: “Eles procuram primeiro olhar, ver o filme ou a minissérie e depois ler o livro”; “(...) quando eu trago esse cinema pra sala de aula, esse filme, eu tenho um objetivo pra relacionar o conteúdo na vida deles, o que está ali e a própria leitura.”; “(...) estou trabalhando o Romantismo e não tinha nenhum filme relativo ao conteúdo. Em outros anos sim, principalmente quando trabalhava com o 3º ano porque está mais perto da realidade deles, o Modernismo”.

Os professores entrevistados mostraram que não têm só a missão de passar conteúdo técnico sobre Literatura, mas também incentivar a leitura, o que muitas vezes exige que eles modifiquem sua forma de ensinar, ou que busquem conhecer mais sobre os interesses de seus alunos, seja conversando com eles, seja pesquisando em sites e listas de vendas. Um dos professores exemplifica essa tarefa: “O papel do professor é orientar a leitura: ‘por que vocês não leem tal livro, não procuram tal autor? Se vocês estão lendo “Cinquenta Tons de Cinza” por que não leem O Cortiço?’”.

Autores Contemporâneos

Com o propósito de observar se os professores conhecem os autores contemporâneos e trabalham ou já trabalharam suas obras em sala de aula, propusemos uma tabela para que eles preenchessem ao término das entrevistas. A seguir estão listados os autores assinalados como conhecidos ou já discutidos pelos profissionais em sala de aula e a forma como foram utilizados: “obra completa” ou “fragmentos da obra”. O Quadro 1 mostra os autores brasileiros, e o Quadro 2 os estrangeiros.

Quadro 1 – Professores indicam os autores nacionais debatidos em sala de aula

Autores	N. Professores	Obra Completa	Fragmentos da obra
Thalita Rebouças	3	X	X
Eduardo Spohr	1		X
Leonel Caldela	1		X
Affonso Solano	3		X
Luís F. Veríssimo	6	X	X

Pedro Bandeira	4	X	X
Walcyr Carrasco	5		X
Silvana de Menezes	1	X	
Caio Riter	1		X
Lygia Bojunga	5	X	X

Quadro 2 – Professores indicam os autores estrangeiros debatidos em sala de aula

Autores	N. Professores	Obra Completa	Fragmentos da obra
J. K. Rowling	4	X	X
John Green	3	X	X
Stephenie Meyer	3	X	
Douglas Adams	1	X	
Rick Riordan	1	X	
Suzanne Collins	2	X	X
L.J. Smith	1	X	
Meg Cabot	1	X	
Stephen King	2	X	X
Veronica Roth	1	X	
C.S. Lewis	2	X	
J. R. R. Tolkien	3	X	X

Como podemos observar no quadro 1, os autores nacionais mais mencionados (Luís Fernando Veríssimo, Pedro Bandeira, Walcyr Carrasco e Lygia Bojunga) são escritores de contos e crônicas. Conforme informado pelos professores durante as entrevistas, estes são os tipos de obra mais utilizadas em sala de aula como forma avaliativa, já que funcionam melhor como método de ensino do que livros completos, por exemplo. Seja por serem mais dinâmicos, pela baixa carga horária de aulas disponíveis ou pelo desinteresse dos alunos, estas obras mais curtas são preferidas para ensino e exercício da Literatura, funcionando como uma solução para o não-uso dos livros completos.

No quadro 2 observamos que a escritora J. K. Rowling é a mais mencionada, seguida por John Green, Stephenie Meyer e J. R. R. Tolkien. Segundo os professores, estes autores, em sua maior parte, foram mencionados pelos alunos como forma de leitura de

lazer. É notório também que as principais obras destes autores foram transformadas em filmes (Harry Potter, A Culpa é das Estrelas, Crepúsculo e O Senhor dos Anéis, respectivamente) e são considerados sucesso de vendas e de bilheteria, o que explicaria a razão de estarem tão presentes no cotidiano, tanto dos professores quanto dos alunos.

É importante ressaltar que, ao preencherem a tabela, os professores marcaram autores trabalhados em sala de aula de forma avaliativa. Porém, dependendo da metodologia adotada por cada um deles, essa avaliação variava entre provas escritas, apresentações de seminários ou discussões orais sobre a obra. Os professores que permitiram aos alunos escolher os títulos que preferissem (o que, na maioria das vezes, resultava na escolha de uma obra contemporânea) marcaram mais autores, já que seus alunos apresentaram gostos diversos e acabaram escolhendo títulos diferentes, trazendo vários livros para a sala de aula. Nesses casos, a tendência é de que nem todos os alunos lessem o mesmo livro, mas isso não reduziu o espaço que as obras ocupavam dentro da disciplina, já que, quando o livro era “apresentado” para a turma (seja por um professor, seja por um aluno), todos acabavam tendo contato com ele.

Dos dezesseis autores estrangeiros listados, quatro não foram marcados por nenhum professor, por isso não aparecem no Quadro 2. São eles: George R. R. Martin, Scott Westerfeld, Cornelia Funke, Jeff Kinney. O mesmo aconteceu com cinco autores brasileiros, ausentes do Quadro 1.: Raphael Draccon, Carolina Munhóz, Laura Bergallo, Flávio Carneiro e Jorge Miguel Marinho. Em média, os professores reconheceram oito escritores.

Dois casos chamaram a atenção: o primeiro diz respeito a um professor que marcou apenas um autor, o brasileiro Luís Fernando Veríssimo, além de declarar na entrevista que segue apenas o livro didático e que não encontra tempo para pesquisar e complementar o conteúdo com autores contemporâneos. O segundo caso é de outro professor que marcou dezesseis nomes, o dobro da média. Esse mesmo professor diz optar por um sistema diferente, em que, além do livro didático, seus alunos escolhem a obra a ser lida em dois dos quatro bimestres do ano letivo, enquanto, nos outros dois, o professor sugere as obras. Observamos então que os profissionais que estão mais atentos aos gostos de seus estudantes tendem a conhecer mais nomes da literatura contemporânea. Porém esse conhecimento não está nos livros didáticos, o que demanda tempo e motivação do profissional para obtê-lo.

Conclusão

Neste presente trabalho discutimos um pouco do cotidiano do ensino de Literatura. Dividindo seu espaço com outros aspectos da Língua Portuguesa, a Literatura se mostra uma disciplina desafiadora de ser trabalhada pelos professores em sala de aula. Identificamos ainda que os profissionais enfrentam em sala de aula dificuldades que vão além do conteúdo a ser ensinado. A falta de interesse dos estudantes pela Literatura Clássica esbarra em um problema que se estende a outras áreas do conhecimento: a ausência do hábito de ler. Na tentativa de incentivar seus alunos, e ao mesmo tempo cumprir com o conteúdo programado, o professor precisa adaptar sua didática. Mesmo que o livro didático seja o eixo principal de ensino para o professor durante as aulas, é possível e se faz necessária a utilização de conteúdos diferentes, ou mesmo de forma diferenciada para que o interesse dos jovens alunos pela Literatura se mantenha. Desde que esteja dentro dos padrões adotados pela escola, é permitido ao professor fazer uso de métodos alternativos de trabalho da leitura e Literatura em sala, levando em conta as necessidades da turma.

Aqueles professores que se propuseram a observar os gostos de leitura dos alunos, bem como as temáticas que os interessam, obtiveram melhores resultados no processo educativo e avaliativo. Adotando formas de avaliação que vão além das tradicionais provas e resumos, eles puderam motivar mais os alunos e demonstrar que a leitura pode ser uma fonte de entretenimento, assim como conhecimento. Alguns profissionais se mostraram interessados pelos autores contemporâneos para jovens, e até chegaram a trabalhar com eles, mesmo que o estudo da Literatura Clássica seja o principal objetivo da disciplina.

A Literatura contemporânea para jovens tem se adaptado ao mercado e, principalmente, ao seu público leitor. A escola, por sua vez, não é eficiente em fazer proveito das ferramentas oferecidas por este gênero literário, e uma das razões pode estar no engessamento da metodologia de ensino, que não traz em seus livros didáticos os autores contemporâneos, mesmo que estes estejam muito mais presentes no cotidiano dos jovens alunos do que os clássicos propostos. Devido à importância de se estudar Literatura, tanto na preparação para o ENEM e demais vestibulares, quanto na formação histórica e social do aluno, excluir a Literatura clássica do programa não configura uma possibilidade. Porém, muitas adaptações e melhorias podem ser feitas, como trazer para a sala de aula as experiências dos alunos com seus autores contemporâneos preferidos.

Mesmo que enfrentem as mais diversas dificuldades dentro e fora das salas de aula, os professores, de forma geral, se mostraram dispostos a tentar entender melhor seus alunos e oferecer a eles opções além das encontradas nos livros didáticos, procurando assim uma melhoria na qualidade de ensino. Dessa forma, buscam resgatar nas aulas de Literatura, a prática mais importante para a aprendizagem do conteúdo: a leitura.

Referências bibliográficas

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GERHARDT; T. E; SILVEIRA, D. T. *Métodos de Pesquisa*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1ª edição. 2009.

LAJOLO, M e ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. Ática. São Paulo. 2ª edição. 1985.

LUFT; G. **A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 36. 2010.